

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Daniele Kloche Miter Breganholi¹

Flavia Torres Presti²

Resumo: Atualmente vivemos uma crise ambiental e é urgente aplicarmos uma educação ambiental permanente, em espaços formais e não formais de ensino, como os espaços religiosos. Para isso, exploramos escritas científicas sobre a relação entre a educação ambiental e o candomblé. Pudemos verificar que os espaços de prática de candomblé são uma fonte bastante promissora para a educação ambiental, uma vez que o amor e cuidado com a natureza são intrínsecos ao culto. Então, aliando conhecimento científico aos conhecimentos tradicionais e milenares das práticas do candomblé é possível a geração de grandes frutos em direção à preservação ao meio ambiente, e na busca de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Palavras-chave: Conservação ambiental; Educação crítica; Educação não formal.

Abstract: We are currently experiencing an environmental crisis and it is urgent to apply permanent environmental education, in formal and non-formal teaching spaces, such as religious spaces. To do this, we explored scientific writings on the relationship between environmental education and Candomblé. We can see that Candomblé practice spaces are a very promising source for environmental education, since love and care for nature are intrinsic to the cult. Therefore, combining scientific knowledge with traditional and ancient knowledge of Candomblé practices, it is possible to generate great results in terms of preserving the environment, and in the search for a fairer and less unequal society.

Keywords: Environmental Conservation; Critical Education; Non-formal Education.

¹ Instituto Federal do Paraná. Campus Jacarezinho. E-mail: danimiter@hotmail.com.

² Instituto Federal do Paraná. Campus Jacarezinho. E-mail: flavia.presti@ifpr.edu.br.

Introdução

A necessidade de um olhar mais amplo em defesa do meio ambiente traz crescimento e fortalecimento nas discussões sobre a conscientização das relações de ações antrópicas e suas consequências para o planeta, que inclui a humanidade. Diante da crise socioambiental contemporânea, a inserção da Educação Ambiental (EA), “como processo pedagógico que trata a relação entre natureza e sociedade, é uma estratégia no enfrentamento dessa problemática e na busca da construção de uma sociedade sustentável, educada socialmente e ambientalmente” (Martins, 2015; p.268).

Essa pesquisa busca compreender as ações e práticas educativas voltadas à observação da coletividade sobre as questões da EA nas comunidades de candomblé. As religiões de matriz africana possuem uma diversidade de vertentes de expressões conhecidas como Nações do Candomblé, cada uma com uma singularidade de manifestações, dialeto e tradições, sendo que África é um continente enorme, e cada Nação é provinda de uma região. As Nações são: Angola cultua os Inquices, Jeje os Voduns, Ketu os Orixás. O candomblé é uma religião de matriz africana que cultua os Orixás, divindades que simbolizam os elementos e as forças da natureza, por exemplo: Ossaín representa todas as espécies de folhas, Oxum as águas dos rios, Xangô os raios, Iemanjá os mares e Iansã os ventos. Então, o nosso questionamento nessa pesquisa é: a prática e a cultura afrodescendente nos terreiros de candomblé podem direcionar e auxiliar o processo de conhecimento e aprendizagem na EA?

Entende-se que um dos caminhos para a inserção da EA na sociedade seria a exploração dos espaços não formais, como os espaços religiosos, onde em sua rotina diária a relação empírica do conhecimento é transmitida entre os participantes através de oralidade e ações que, em forma de saberes ancestrais, atingem diretamente a visão social e a forma como o indivíduo relaciona-se com o meio ambiente. No cotidiano das comunidades de candomblé, a EA pode ser desenvolvida de modo natural, sem uma intervenção social direta e forçada, já que o cultuar é ligado diretamente à natureza e seus elementos, através da cultura, ritos e conscientização de preservação e sustentabilidade, incentivando, assim, o respeito através das suas divindades. Além da visão obtida naturalmente, é possível também que sejam oferecidas atividades por meio de agentes da educação formal que pratiquem a religião, como professores e estudantes, fortalecendo ainda mais o conhecimento científico dos praticantes. Essa colaboração entre conhecimentos científicos e saberes tradicionais pode enriquecer a compreensão dos desafios ambientais e incentivar a adoção de práticas sustentáveis tanto dentro quanto fora dos terreiros.

Segundo Caputo (2012) a oralidade do conhecimento é transmitida de um para outro, por meio das observações e das narrativas empírica dentro da comunidade, sem a necessidade de escrita formal. Sendo assim, o terreiro pode ser um potencial *locus* de educação de crianças e adultos, tornando-os

conscientes e ativos diretamente na sociedade que são inseridos. Por fim, a Educação Ambiental não deve ser encarada como um evento pontual, mas sim como um processo educativo contínuo no qual os indivíduos se envolvem e estabelecem relações significativas com a natureza e seu meio social. Essa abordagem holística e integrada da EA nas comunidades de candomblé pode contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais consciente, sustentável e comprometida com a preservação do meio ambiente.

Sendo assim, o presente trabalho pretende realizar uma revisão bibliográfica sobre a relação entre os terreiros de candomblé e a EA, bem como realizar uma análise crítica, a fim de verificar como seria possível aplicar a EA nesses espaços não-formais.

Materiais e Métodos

O presente artigo opta pela metodologia de análise qualitativa a partir de uma base bibliográfica. Esse processo se preocupa com o compromisso do pesquisador sobre como deve estabelecer as técnicas de análise e estudo dos dados disponibilizados nos artigos, e como devem ser empregados (Minayo, 2007). O objetivo da pesquisa qualitativa, através da coleta de dados por base bibliográfica, resulta em material de pesquisa que expressa através de artigos científicos, os relatos e vivências dentro das comunidades de candomblé, assim analisando a contribuição da cultura africana dentro dos saberes e práticas de uma visão ambiental coerente. Tem uma preocupação com processo maior que com o produto, trazendo o interesse do pesquisador ao estudar um determinado acontecimento, e verificar como ele se manifesta nas atividades, durante o decorrer do procedimento e no convívio diário (Minayo, 2007).

O levantamento foi realizado nas bases científicas SCIELO, CAPES e Google Acadêmico e foram usadas as seguintes palavras como disparadores de busca: “Candomblé; Educação Ambiental”, “Candomblé; Educação” e “Candomblé; Meio Ambiente” no ano de 2020. Na sequência foram analisados os elementos: título, palavra-chave e resumo do texto e foram selecionados os textos que mais se aproximam do escopo deste trabalho, que relaciona o Candomblé com educação, em especial a EA. A pesquisa bibliográfica direciona o trabalho científico, através de levantamentos ou revisão de obras publicadas sobre a teoria, na qual iremos buscar estabelecer respostas possíveis.

Resultados e Discussões

Foram utilizados quatro artigos científicos publicados em anais de eventos e periódicos nacionais e uma dissertação de mestrado que relacionou a religião de origem africana com a educação, no geral (não especificamente educação ambiental). A escassez de trabalhos reforça a necessidade em levantar os questionamentos e apontamentos sobre a problemática da EA dentro dos terreiros de candomblé.

A discussão se iniciará com Costa Junior e Albuquerque (2015), que realizaram uma revisão em teses e dissertações de 2006 a 2014 sobre educação em espaços religiosos. Para além da busca bibliográfica, os autores relatam a vivência no Templo da Religião Africana Ilê Asê Iyá Ogunté, casa de candomblé localizada em Ananindeua - PA. A senhora Rita de Cássia Azevedo, que é Iyalorixá (mãe de santo) da casa, ensina a religião aos fiéis e convidados. Nessa perspectiva, os autores consideram o conhecimento de vida, para além do conhecimento aplicado nas escolas formalmente. A mãe Rita, como é chamada, tem formação e atuou como docente, biografia que a auxiliou na transmissão dos conhecimentos. Os autores relacionam a “ecologia de saberes” (Avelar; Silva, 2014) onde ocorre o diálogo entre diferentes e variados conhecimentos.

Uma constatação importante feita por Costa Junior e Albuquerque (2015) é que a grande maioria das pesquisas com religiões de origem africanas foram realizadas no nordeste, mostrando a carência de trabalhos investigando a relação entre educação e as essas religiões na região sudeste do país. Nesse sentido, a discussão desse trabalho visa um olhar a partir da vivência e leitura das práticas do candomblé no interior de São Paulo, na cidade de Ourinhos, onde a autora deste estudo realiza as suas práticas religiosas. Vale ressaltar que se entende aqui o saber que corrobora com as ideias trazidas por Costa Junior e Albuquerque (2015), no qual o saber tradicional não será comparado ao saber escolar e tem um caráter de articulação, não de valor superior perante os outros saberes.

Sob a ótica de Costa Junior e Albuquerque (2015), a partir dos trabalhos analisados por eles, percebe-se que o respeito e o cuidado pelo saber transmitido nos espaços religiosos buscam a igualdade e a justiça social, uma vez que não pretende homogeneizar sujeitos a partir da visão ocidental de mundo. Com esse entendimento, julgamos importante estender a discussão para as pedagogias críticas que tem como base filosófica o marxismo e entender que a escola é determinada pela sociedade capitalista e dividida em classes (Saviani, 2021).

Segundo Marx (1859) não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, ao contrário, seu ser social que determina sua consciência. É possível extrapolar esses conceitos a espaços não formais de ensino, sendo uma comunidade religiosa também determinada por sua herança histórica e que sofre influência da sociedade capitalista e produtora de desigualdade social e discriminatória. É inegável a influência que o meio ambiente sofre do sistema econômico atual, que explora demasiadamente a natureza. Então, um espaço religioso que se propõe a resistir o padrão hegemônico de pensamento tem um grande potencial de formar sujeitos críticos, autocríticos e que se percebam alienados para poder reagir positivamente contra o sistema que nos é imposto. Entender que os homens são individualistas porque a sociedade burguesa nos forma assim (Lessa; Tonet, 2011) é um passo importante para a luta por uma sociedade mais justa e colaborativa.

Na intersecção entre a educação ambiental e o candomblé foi analisada a etnopesquisa-ação de Gomes e Catalão (2015) realizada no terreiro de candomblé de nação Ketu no Sergipe. A pesquisa relaciona a cosmovisão da religião e sua cultura com práticas de educação ambiental, além de pensar vivências nesse espaço que visem o cuidado com o meio ambiente. Além das observações, os pesquisadores conduziram oficinas de educação ambiental. O texto traz a importância e abordagem da transdisciplinaridade e da ecologia dos saberes (Santos, 2006) no reconhecimento da pluralidade dos tipos de conhecimentos.

As comunidades de candomblé trazem, de forma geral, a tradição de transferir o conhecimento ancestral entre os integrantes, dos iniciados mais velhos para os mais novos. Conhecimento esse que os yorubás (povo africano do Sudoeste) acreditam na existência dos Orixás encarnados no aiyé (Terra), enviados por Olodumarê (Deus criador, supremo), durante a criação do mundo, em meio aos humanos, transferindo diretamente sua sabedoria e seus ensinamentos. Os humanos estão num estado primitivo, fisicamente e espiritualmente. Vale esclarecer que, não foram todos enviados para a Terra; alguns homens desenvolveram habilidades como a pesca, caça e envolvimento dos metais, produzindo ferramentas para a agricultura. Os Orixás estão associados aos elementos da natureza, características meteorológicas e habitats. Por exemplo: Orixás femininas carregam o nome de Yabás (mãe rainha), Yemanjá representa as águas e oceanos, Oxum as cachoeiras e rios, Iansã os ventos; os Aborós (masculino) são Oxalá, que correspondem ao ar que respiramos, Oxumaré ao arco-íris, Oxóssi o caçador protetor das florestas, Ogum ao guerreiro que forjou as primeiras ferramentas para a agricultura, Xangô aos raios e trovões, e Ossaín ao portador de todas as folhas. Aqui sendo citados um número pequeno de Orixás, sendo que no Brasil em geral são cultuados 20. Martins (2015) esclarece como é a visão dos Orixás pelos integrantes e os habitats que eles atuam:

A consciência ambiental é primordial para os seguidores e seguidoras dos Orixás. A Cosmovisão Africana e Afro-Brasileira identifica os Orixás como sendo a natureza, assim é natural que nos Candomblés, se aprenda a conservar e conviver com a natureza, tornando cada Ilê (templo), um pólo de resistência aos descuidos com o Meio Ambiente, e no qual, cada habitat ou elemento natural está relacionado a um Orixá, que por sua vez, tem como uma de suas características, preservar o planeta com sua natureza e a humanidade (Martins, 2015; p.269)

Podemos também associar a EA no cotidiano das comunidades a partir da utilização e o respeito pelas plantas que, para os praticantes, possui o sagrado e o divino, sendo uma das principais fontes de força vital, o Axé:

O candomblé conserva a ideia de que as plantas são fontes de axé, a força vital sem a qual não existe vida ou

movimento e sem a qual o culto não pode ser realizado. “Kosi ewê Kosi orixá”, que pode ser traduzida por “não se pode cultuar orixás sem usar as folhas”, resume bem a importância da natureza para o candomblé (Martins, 2015; p.270).

A palavra Axé significa “força e poder”, sendo entendida como energia essencial que move todos os elementos da natureza pois os Orixás são os portadores dessa força, responsáveis pela criação da luz e dos caminhos de energia positiva. Cada planta contém a energia e força de um determinado Orixá, sendo imprescindível em seus rituais. A liturgia é repleta de contos (Itáns-yorubá) que vieram com os povos escravizados da África para o Brasil, e que, para suas memórias serem preservadas, eram transferidas através de narrativas entre eles, sendo repletos de conhecimentos sobre os elementos da natureza e consciência de preservação. Essa tradição se mantém até os dias de hoje. Os conteúdos são passados oralmente em momentos diversificados, como: reunião para tarefas diárias, como a limpeza do ambiente religioso, durante uma orientação religiosa e realização de outras atividades litúrgicas, até mesmo uma simples roda de conversa. São através deles que os Orixás são representados como elementos da natureza, cheios de símbolos e manifestações:

É preciso que, os conhecimentos dos Quilombolas, do Povo de Santo, das comunidades da floresta, de grupos que carregam o respeito à natureza, sejam multiplicados, criando-se assim, uma “Rede de Consciência Ambiental”. A terra acolhe, as águas curam e acalmam, as folhas carregam sabedoria. A natureza é dadivosa com a humanidade. O que resta a todos, é exercitar o que se aprendeu (Martins, 2015; p.270).

Os mitos difundidos nos terreiros que mostram a visão da religião com a natureza podem ser utilizados para a EA, para além dos conhecimentos sagrados que possuem. Para os terreiros, a preservação da natureza é vital a fim da preservação dos rituais e da cultura africana. Mesmo tendo essa importância, Gomes e Catalão (2015; p.1864) descrevem que “a mudança de comportamento em relação à natureza, além do âmbito do sagrado, ainda é esparsa, teórica e restrita a alguns membros do terreiro”. Então, a união da visão da religião com atividades de educação pode ser muito rica nesses espaços, com uma chance grande de efetiva mudança que pode refletir na sociedade. Nesse sentido, Gomes e Catalão (2015) descrevem as oficinas realizadas e os benefícios gerados para a comunidade.

O indivíduo com consciência ambiental, que compreende o ato educativo em sua totalidade, amplifica a visão e sua complexidade, podendo revolucionar os conteúdos com o processo de formação no cotidiano o qual está inserido (sociedade). O ato de conscientização da EA dentro do terreiro através da cultura ritualística intensifica a visão de mundo e as relações humanas não apenas dentro dos templos, mas também na sociedade em que

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 7: 693-703, 2024.

se está inserido, agindo diretamente, desenvolvendo o senso crítico e histórico-social. É o que propõe a pedagogia histórico-crítica, partindo de um problema social (prática social inicial e problematização), ocorre a instrumentalização (transmissão dos saberes), passando pela catarse (incorporação interna do conhecimento) e culminando na prática social transformadora, que é aquela que atua de fato na sociedade, utilizando o conhecimento elaborado (Avelar; Silva, 2014).

Outra experiência de estudo e oficinas foi realizada por Couto de Freitas e Pereira (2018). Eles observaram dois terreiros localizados em regiões periféricas de Campo Grande - MS. Os praticantes desses espaços utilizam uma área verde do município que não tem manejo e também é utilizada pela população externa aos terreiros. Os frequentadores do terreiro possuem liberdade de plantar o que desejam, mas na área também ocorre degradação com lançamento de resíduos sólidos, esgoto e incêndio. Nesse contexto, a EA se encaixa perfeitamente, permitindo aprofundar o conhecimento sobre as interações entre indivíduo e meio (Couto de Freitas e Pereira, 2018). Após descreverem as oficinas realizadas através de mapas mentais, os autores concluem que os praticantes, já com a visão da importância da natureza, que é inerente à crença religiosa, podem colaborar com a conservação da área de culto, mas que é necessário também outros esforços do poder público e da população em geral.

Foi analisada também uma dissertação de mestrado da Universidade Federal de Pernambuco que explora o conceito de Ecopedagogia no terreiro de Candomblé Angola (Filho; Voss, 2016). O autor inicia seu trabalho demonstrando a preocupação de se formar uma consciência coletiva a respeito do cuidado com o meio ambiente e o papel da educação ambiental nessa tomada de consciência. Nesse entendimento, observamos que o Candomblé está ligado intrinsecamente com a natureza. Não apenas a liturgia, mas também o culto depende totalmente, sendo que sua essência nasce e se torna a própria natureza. A conscientização de preservação e sustentabilidade dos recursos naturais é estritamente necessária para a preservação do culto e ritualística da religião.

Outro fato a ser relatado é a cosmogonia (princípio religioso que se ocupa em explicar a origem, o princípio do universo), devido a onipresença de Olorum. A sua presença não é devido a um ser onipotente que possui todo o domínio do universo, mas se dá por fragmentos, onde ele subdivide-se em tudo que há no universo: as plantas, águas e todos os seres animados e inanimados.

No Candomblé Angola, a criação de todas as coisas existentes é atribuída a Zambi (Nzambi), que pode ser comparado a Olorum na tradição Yorubana. Cada povo atribuiu às questões da criação do mundo de formas distintas, mas aceitamos esta analogia devido ao fato do Candomblé Angola estar dentro de uma perspectiva que

atribui a cosmogonia a um único princípio criador. E, apesar de tomar este criador como o objeto principal de culto, também existem várias outras divindades que são reverenciadas dentro da tradição (Filho; Voss, 2016; p. 50).

Os Yorubas acreditam que a evolução do ser humano acontece devido à integração com o todo, sendo que quanto mais conectado o indivíduo está com o meio ambiente e com as diversas manifestações dos deuses, mais equilibrado ele estará. Nessa cultura, alguns orixás nasceram seres humanos comuns e foram divinizados, pois manipularam diversos elementos da natureza e utilizaram da energia das plantas e animais para se conectar ao mundo. O controle que os Orixás possuem não é de uma vontade humana que sobressai sobre as outras, mas sim de uma integração entre elas, para então serem capazes de impactá-las. Nesse contexto, toda a sabedoria empregada no terreiro não são mitos, e sim ferramentas e práticas do cotidiano que os Yorubas conectam ao meio ambiente. Diante de todo o exposto, a EA no terreiro de candomblé oportuniza o diálogo e reflexão ao indivíduo, e quanto mais integrado o ambiente em que se vive, passa-se a ter uma atuação social e ambiental mais consciente.

O estudo realizado englobou uma análise minuciosa de fontes bibliográficas, com uma escassez de trabalhos que correlacionam a religião de matriz africana e a EA, especialmente na região sudeste do Brasil. A pesquisa teve como objetivo central ampliar o conhecimento sobre a interseção entre o candomblé e a EA, concentrando-se nas práticas e visões dessas comunidades, especialmente na região interiorana de São Paulo, como Ourinhos/SP, onde a autora do estudo está inserida, buscando contribuir para preencher essa lacuna, oferecendo uma perspectiva única sobre a relação entre educação e religião em contextos distintos. Além disso, a pesquisa reflete sobre a importância da coexistência e diálogo entre diferentes formas de conhecimento, valorizando a diversidade cultural e epistemológica. A análise das práticas educativas em comunidades de candomblé revela a riqueza e complexidade das tradições religiosas afro-brasileiras, que promovem não apenas a conexão espiritual, mas também um profundo respeito e cuidado com o meio ambiente. A compreensão dos Orixás como manifestações da natureza e a valorização dos elementos naturais na liturgia do candomblé destacam a importância da preservação ambiental dentro dessas comunidades. Essa consciência ambiental permeia não apenas os rituais religiosos, mas também as práticas cotidianas dos praticantes, refletindo-se em ações de sustentabilidade e respeito à natureza. A pesquisa também revela os desafios e oportunidades associados à integração da EA no contexto do candomblé, ressaltando a importância da EA como uma ferramenta para promover a consciência coletiva e a transformação social. O estudo destaca a necessidade de políticas públicas e ações educativas que reconheçam e valorizem os saberes tradicionais das comunidades de candomblé, contribuindo para uma abordagem mais inclusiva e holística da EA. Ao reconhecer o papel fundamental das práticas religiosas na formação de uma consciência ambiental, este trabalho busca promover o diálogo intercultural e fortalecer a

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 7: 693-703, 2024.

colaboração entre diferentes atores sociais na busca por um futuro sustentável e equitativo.

Conclusões

Com base na análise e reflexões dos textos lidos, podemos perceber que o candomblé apresenta diversos aspectos positivos para a promover a EA crítica nas comunidades em que está presente. Essa religião de matriz africana valoriza a consciência e o respeito à natureza em suas atividades desenvolvidas. Destaca-se uma importância às questões sociais e na formação do indivíduo com o olhar para EA não apenas dentro do terreiro, mas também na sociedade em que ele está inserido, que se articula com várias áreas e que vai além dos aspectos naturais. Essa perspectiva pode atingir a sociedade como um todo, compondo-se de uma pluralidade de ideias.

Os valores humanos agregados de consciência social e ecológica são essenciais para ações voltadas à preservação da natureza, sendo provenientes de uma necessidade e propostas, a partir dessa problemática, para a própria sociedade contemporânea. A alterações no estilo de vida consumista inicia-se com profundas reflexões e conscientização da importância do ser humano na preservação dos recursos naturais.

Nesse contexto, observa-se o candomblé como uma religião de matriz africana onde seus princípios e cultura estão fundamentados na natureza e seus elementos, sem os quais a religião não sobreviveria. A conexão do candomblé e sua ritualística com a consciência ambiental, potencializa o terreiro como verdadeiro *locus* ativo na sociedade, formando indivíduos conscientes ambientalmente e ativos no meio social nos quais estão inseridos.

Portanto, a EA que busca promover uma sociedade mais justa, precisa incluir em seu processo discussões em torno da diversidade cultural, bem como a criação de um senso de pertencimento ao meio ambiente, como é ensinado no candomblé. A abordagem da EA no candomblé não se restringe apenas aos aspectos ambientais, mas se estende à valorização da diversidade cultural e à promoção da inclusão social. Ao reconhecer e respeitar as diferentes tradições religiosas e culturais, a EA pode contribuir para a construção de uma sociedade mais tolerante e plural, onde as diferenças são vistas como oportunidades de aprendizado e enriquecimento mútuo. Essa perspectiva é fundamental para superar as desigualdades e injustiças sociais que permeiam nossa sociedade contemporânea.

Além disso, o candomblé oferece uma visão holística e integrada do mundo, que reconhece a interdependência entre todos os seres vivos e a importância de se viver em harmonia com a natureza. Essa visão pode inspirar novas formas de pensar e agir em relação ao meio ambiente, incentivando práticas sustentáveis e responsáveis. A educação ambiental no candomblé também pode contribuir para a construção de uma consciência crítica e transformadora, capaz de questionar as estruturas de poder e os padrões de comportamento que perpetuam a degradação ambiental e a exclusão social.

Ao empoderar os indivíduos e comunidades para agir em prol da justiça ambiental, a EA no candomblé pode se tornar uma ferramenta poderosa de resistência e mudança social. Por fim, é importante destacar que a integração da EA no candomblé não deve ser vista como uma imposição externa, mas sim como um processo colaborativo e participativo, que respeita e valoriza os conhecimentos e práticas locais. Ao reconhecer e fortalecer as conexões entre a espiritualidade, a cultura e o meio ambiente, podemos criar um futuro mais sustentável e inclusivo para todos.

Referências

- AVELAR, Flavia Ferreira; da SILVA, Maria Aparecida. Ensino de Ciências: abordagem histórico-crítica, de César Sátiro dos Santos. **Dialogia**, v. 0, n. 18, 2014.
- CAPUTO, Stella Guedes. **Educação nos terreiros**: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- COSTA JUNIOR, Adelson Cezar Ataíde., ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **Práticas Educativas em uma casa de Candomblé**. EDUCEPEX, XII. Congresso Nacional De Professores, Complexidade e Trabalho Docente, p. PUC-PR, 2015.
- COUTO DE FREITAS, Sarah; PEREIRA, Lilian Ribeiro. **Educação Ambiental em terreiros de candomblé**. Em: XIX Encontro Nacional de Geógrafos, 2018, João Pessoa, PB. Anais Eletrônicos XIX Encontro Nacional de Geógrafos, 2018.
- FILHO, Edmilton Amparo da Hora; VOSS, Rita de Cássia Ribeiro. **Ecopedagogia no terreiro de candomblé Angola**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco – CE, 2016.
- GOMES, Verônica Maria da Silva; CATALÃO, Vera Margarida Lessa. “Kosi ewe, kosi orisa” (Sem folha não há orixá): vivências ecológicas em um terreiro de candomblé. **Ambientalmente sustentável**, v. 02, n. 020, 2015.
- LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Debates e Perspectivas, 2011.
- MARTINS, Felipe Rodrigues. Educação ambiental e candomblé: Afro-religiosidade como consciência ambiental. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião** - UNICAP, v. 6, n. 12, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento. Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26ª ed. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**: Para uma nova cultura política. Cortez, v. v.4, 2006.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica e pedagogia da libertação: aproximações e distanciamentos. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 13, n. 3, 2021.